

**A QUESTÃO DA MORTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: APRENDENDO A LIDAR
COM PERDAS**

THE QUESTION OF DEATH IN CHILD EDUCATION: LEARNING TO DEAL WITH
LOSS

Alessandra Milani Buso¹

Célia Regina de Oliveira¹

Geralda dos Santos A. Pereira¹

Giulia Pacheco Siqueira¹

Stephany Garcia Lupinacci¹

José Antônio Zago²

RESUMO

O trabalho de pedagogo na atualidade requer atenção especial não somente nos assuntos pedagógicos ligados ao processo de ensino-aprendizagem, mas também nas relações familiares, sociais e espirituais. Nessa imensidão de saberes e vivência, o pedagogo se depara com assuntos delicados que requerem atenção única e cuidadosa, principalmente na educação infantil. É o caso do tema morte. O presente artigo discute as formas de concepção sobre o tema ao longo dos anos e como abordá-lo em sala de aula de modo claro e responsável. Destaca a participação da família para explicar de modo real o sentido da perda e sua aceitação. São apresentados estudos já realizados por especialistas no assunto por meio de uma revisão bibliográfica para melhor compreensão e aplicação pedagógica.

Palavras-Chave: Morte. Luto. Pedagogia. Criança. Perdas.

¹ Graduandas em Pedagogia do UNIESI. alemilanibuso@hotmail.com

² Docente do UNIESI.

ABSTRACT

Today's work as a pedagogue requires special attention not only in pedagogical matters related to the teaching-learning process, but also in family, social and spiritual relations. In this immensity of knowledge and experience, the pedagogue faces delicate issues that require unique and careful attention, especially in early childhood education. This is the case of the theme death. This article discusses the ways of conceiving the theme over the years and how to approach it in the classroom in a clear and responsible way. It highlights family participation to really explain the meaning of the loss and its acceptance. Studies are presented by experts on the subject through a literature review for better understanding and pedagogical application.

Keywords: Death. Mourning. Pedagogy. Child. Loss.

INTRODUÇÃO

Todos os seres humanos, de modo particular as crianças, já sofreram ou sofrem perdas de entes queridos ou conhecidos ao longo de sua vida. Algumas já nascem com ausências de pais, familiares ou responsáveis. Carregam para a escola o vazio de alguém que se foi. Em certos momentos, de maneira pura, externam seus sentimentos relativos à perda e questionam a vida no que diz respeito à morte. Como por exemplo: Está no céu? Virou estrela? Por que se foi? Por que me deixou? Está viajando?... Diversas crianças conseguem se apoiar, ainda que de maneira simples, devida sua tradição e ou vivência, nas ideias religiosas sobre o pós-morte. Mesmo assim, existem aquelas que não sabem lidar com perdas. Esse sentimento de perda acaba prejudicando seus relacionamentos e o processo de ensino e aprendizagem. Como ensiná-las a lidar com essas perdas? Esse é um desafio dado ao pedagogo que acredita que a omissão de adultos sobre esclarecer o que é a morte, evitando assim o luto da criança o qual faz parte de um processo

de confusão e frustração em sua vida. É preciso ser sincero e verdadeiro para que a criança lide com a realidade de sua perda.

Na vida se ganha e se perde como diz o ditado popular. Não apenas em bens materiais ou reconhecimento, mas também com pessoas. Ganhar amigos, conhecer pessoas, criar laços e relacionamentos na família ou na sociedade são momentos mais que especiais. No entanto, quando perdemos alguém desses círculos, o sentimento se torna tão doloroso que começa a refletir e interferir em quem somos e como agimos. Não é diferente com nossas crianças. Em inúmeras situações suas dores são maiores do que as dos adultos. Negar o luto infantil pode trazer ainda mais frustrações, constrangimento e dor.

Assim, a morte como o luto não é um assunto fácil, seja no âmbito familiar, social, religioso e principalmente escolar. O tema provoca inúmeros desconfortos tanto na comunidade escolar, na sociedade e nos educadores. Falar sobre o fim da vida para aqueles que estão começando a viver não é tão simples, porém não se deve iludir ou inventar afirmativas que poderão ser frustrantes no futuro. As perdas humanas com crianças que talvez nem tenham consciência de sua existência é algo desafiador trabalhar na esfera pedagógica. A linguagem adequada, as metodologias lúdicas, fazer sentir a perda de forma real, deixar externar todo o sentimento de tristeza, e principalmente se colocar totalmente no lugar do outro podem gerar ideias positivas para propor o tema de forma a auxiliar e levar a criança a lidar com sua perda.

Consideramos pertinentes ao desenvolvimento da criança, de forma mais real e mais humana, pôr em evidência por meio de questionamentos e reflexões sobre o tema da morte. E esse será nosso objetivo, ou seja, discutir as formas de concepção sobre o tema morte ao longo do tempo e como abordá-lo em sala de aula de modo claro e responsável por meio de pesquisa bibliográfica demonstrando a importância de o pedagogo saber lidar com a questão, já que para nós deve ser considerada, no âmbito da educação infantil, uma temática tão importante quanto a alfabetização.

A MORTE, TEMPO, INÍCIO E DEFINIÇÕES

Em toda a história da humanidade, em suas diversas manifestações culturais, religiosas e sociais, a morte tem sido um tema que traz inúmeras dúvidas. Tratada na teologia, na filosofia, na sociologia, na história, na biologia e em tantas outras disciplinas, a pedagogia também não se deve isentar desse assunto.

Enquanto fator biológico, como parte de nossas vidas, não apresenta tantos mistérios, uma vez que todos nós sabemos que a morte é fato concreto em todos os seres vivos. No entanto, como falar desse tema com pessoas que ainda estão em fase de desenvolvimento intelectual, afetivo e social como nossas crianças?

Fronza e colaboradores (2015) afirmam que a morte pode ser encarada pelo homem das mais diversas maneiras, com maior ou menor aceitação em seus clãs, tribos e comunidades, com diferentes ritos e cerimônias de despedida e de luto como vemos nas mais variadas liturgias³, construindo variados significados para a mesma. Tanto em nossa cultura como em qualquer parte do mundo, o modo pelo qual o homem tem se defrontado com a morte sofreu uma série de transformações através dos tempos. Os autores explicam o que ele (o homem) denominou como "morte domada", característica da época medieval, onde à beira da morte organizavam as cerimônias de despedida, tendo sob seu controle os rituais pelos quais iriam passar.

No final do século XVIII, uma maior valorização dos vínculos familiares determinou claramente uma mudança no papel da família nessas cerimônias fúnebres, o qual vai se tornando mais relevante; concomitante em que a manifestação exacerbada do luto desses familiares é culturalmente aceita e mesmo incentivada. Portanto, no passado, a morte era um assunto tratado em família e na própria casa que se revestia de total importância para seus membros nos momentos de luto:

³ Liturgia: o conjunto dos elementos e práticas do culto religioso (missa, orações, cerimônias, sacramentos, objetos de culto etc.) instituídos por uma Igreja ou seita religiosa. "a l. presbiteriana"; conjunto das formas (palavras, gestos) utilizadas na realização de cada um dos ofícios e sacramentos; rito. "a l. da missa".

[...] assim como a morte, o luto também tem sido objeto de interdição. Os rituais da morte, que tinham como função traduzir, ao mesmo tempo, a dor e a superação da crise trazida pela perda de alguém querido eram momentos nos quais havia a possibilidade de expressão destes sentimentos. Esses rituais vêm sendo encurtados, suprimidos em alguns aspectos, e, apesar da permanência de traços dos costumes antigos, há um esvaziamento de sentido dos mesmos. O luto, antes visto como legítima manifestação de dor é hoje considerado fraqueza; e sua expressão, entendida como uma forma de prolongar inutilmente o sofrimento (FRONZA e colaboradores, 2015, p.50).

Então, tratar sobre a morte no mundo hodierno é um tema delicado, seja no âmbito familiar, social, religioso e principalmente no escolar. O tema causa preocupações, dúvidas, anseios e temores nos educadores. Como abordar o fim da vida para aqueles que estão começando a viver? Tratar de perdas humanas com crianças que talvez nem tenham consciência de sua existência é algo perturbador para o pedagogo. Adaptar a linguagem, procurar meios lúdicos, sentir a perda, deixar externar o sentimento de tristeza, se colocar no lugar do outro podem ser maneiras de propor o tema de forma a auxiliar a criança a lidar com o fato. Afinal o questionamento sobre a morte é algo milenar, presente praticamente em todas as culturas.

Como afirmam Sengik e Ramos (2013), a morte faz parte da vida, faz parte do desenvolvimento humano desde a concepção, consciência que se tem sobre a finitude, ao mesmo tempo em que é uma característica que diferencia o ser humano dos outros seres, também propicia o questionamento sobre a vida. O discurso popular assegura que a única certeza que se tem na vida é de que algum dia se morre, porém, na maioria das vezes evita-se o assunto. Algumas pessoas ainda tentam desafiar a morte na ânsia de vencê-la. Porém, para nós, pedagogos, queremos aprender a falar dela aos pequeninos. Como referem Sengik e Ramos (2013, p.379):

A morte pertence à condição humana. A morte da pessoa amada é não apenas uma perda, como também a aproximação da própria morte, uma ameaça. Todo seu significado pessoal e internalizado é, então, evocado e as vulnerabilidades pessoais a ela associadas são remexidas.

Como preparar pessoas para esse fato tão presente na existência? Esse desafio é ainda mais urgente para os profissionais de educação.

A educação é entendida como desenvolvimento pessoal, aperfeiçoamento e cultivo do ser, que também pressupõe uma preparação para a morte, envolvendo comunicação, relacionamentos, perdas, situações-limite, como, por exemplo, fases do desenvolvimento, perda de pessoas significativas, doenças, acidentes e até o confronto com a própria morte.

[...] crianças, ao viverem perdas de pessoas próximas, manifestam sintomas físicos e psíquicos, problemas escolares, baixa autoestima, ansiedade. Esclarecimentos precisam ser dados para ajudá-las a lidar com a culpa, que pode dificultar o processo do luto. Em tempos de morte interdita tira-se a morte de cena das crianças para poupar o sofrimento argumentando-se que não entendem o que está acontecendo. Falar com a criança abertamente sobre o tema ajuda a enfrentar medos que podem surgir pelo desconhecido (KOVÁCS, 2012, p.72).

Como apontam Rodrigues e Kovács (2005), quando a criança perde um familiar ou pessoa admirável, falar sobre a morte pode aliviá-la, facilitar a elaboração do luto e sua relação com o adulto. Se este reforça a negação da perda, fica difícil para a criança passar para as outras fases do luto: anseio e protesto (raiva e desejo de encontrar o morto), desespero (afastamento de pessoas e atividades, apatia, depressão) e a recuperação e restituição (retomando as atividades da vida).

Para Kovács (2012) existe uma grande dificuldade ligada estritamente aos adultos em relação ao diálogo sobre a morte com crianças. Esse silenciar ou a ausência de diálogo ocorre como uma espécie de defesa e leva o ouvinte (a criança) também a se calar e não lidar com o problema de modo direto e claro. Dessa maneira, a necessidade de adultos compreensivos e ativos, preocupados com o desenvolvimento e a fase em que a criança se encontra é de extrema importância uma vez que faz parte da condição humana.

A autora ainda refere que a morte faz parte do desenvolvimento humano desde a mais tenra idade e acompanha o ser humano no seu ciclo vital, deixando suas marcas. Então, como preparar pessoas para esse fato tão presente na

existência? Esse desafio é ainda mais urgente para os profissionais de educação. Perguntas têm assoberbado a humanidade, e respostas foram trazidas pelas religiões, ciências, artes e a filosofia; entretanto, nenhuma delas é completa e universal (KOVÁCS, 2012).

A CRIANÇA E A MORTE

Tratar da morte com as crianças não é fácil. Principalmente quando esta se defronta com o sentimento de perda. Se para adultos a concepção da ausência é algo delicado, imagine para alguém que ainda está passando por processos de identificação, percepção, conhecimento, aprendizado e amadurecimento da sua realidade. A reorganização do seu mundo deve acontecer.

Sengik e Ramos (2013) fundamentam-se em Piaget⁴ para diferenciar a maturidade intelectual infantil do adulto e seus períodos de desenvolvimento cognitivo:

[...] a criança pensa diferente do adulto e se desenvolve de acordo com estágios. O autor distingue quatro períodos do desenvolvimento cognitivo: sensório motor, pré-operacional, operacional-concreto, operacional-formal. Entretanto, neste artigo, será abordado somente o período pré-operatório, que abarca a idade dos sujeitos aqui mencionados. O estágio referente ao pensamento pré-operacional, [...] ocorre dos dois aos seis ou sete anos de idade. Dentre suas características cita-se o uso de símbolos, de imagens mentais, além do desenvolvimento da linguagem infantil. O raciocínio é considerado pré-lógico, evidenciando a necessidade do concreto. O pensamento da criança já começa a se organizar, mas ainda é irreversível, e a criança segue em uma perspectiva egocêntrica, observando como a realidade a afeta. Tende a explicar os fatos conforme as experiências, de modo que seu entendimento pode ou não ser coerente com a realidade (SENGIK; RAMOS, 2013, p.382).

Fronza e colaboradores (2015) discorrem que a perda, principalmente do genitor da criança, implica numa crise de desestruturação e conseqüentemente um sentimento de falta de segurança. Nesse caso, a própria família e o círculo social

⁴Jean Piaget (1896-1980) foi o nome mais influente no campo da educação durante a segunda metade do século 20, a ponto de quase se tornar sinônimo de pedagogia. Não existe, entretanto, um método Piaget, como ele próprio gostava de frisar. Ele nunca atuou como pedagogo. Antes de mais nada, Piaget foi biólogo e dedicou a vida a submeter à observação científica rigorosa o processo de aquisição de conhecimento pelo ser humano, particularmente a criança. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/1709/jean-piaget-o-biologo-que-colocou-a-aprendizagem-no-microscopio>> Acesso em 23 de set. 2019.

nos quais a criança vive, não sabem lidar com o assunto. Encontram dificuldades em tratar do luto e tentam esconder o sofrimento da família como forma de “aliviar” a situação real e imutável.

Em inúmeras situações, o sentimento de luto da criança está incompleto. Demonstra que seu conhecimento provém da educação que seus próprios pais transferiram como ensinamento moral, acarretando inúmeros problemas emocionais e de aprendizado:

[...] o relacionamento anterior dos pais com a criança e a forma pela qual a morte era entendida antes de uma perda significativa também tem influência na forma pela qual a criança elabora o seu luto. Quando a comunicação é falha e a curiosidade da criança sobre a morte, reprimida, é frequente que, numa ocasião de perda, esta criança apresente distúrbios psíquicos, como fobias e problemas de aprendizagem (FRONZA e colaboradores, 2015 p.52).

A necessidade de uma conversa franca sobre a morte indica uma diminuição de traumas futuros quando a situação de perda acontece. Os pequenos podem se perder, ficando confusos quando tentam entender a morte por si mesmos. Fronza e colaboradores (2015) explanam que numa ocasião de morte, acontece muito os tais eufemismos⁵ como “foi para o céu”, “viajou”, “dormiu”, “virou uma estrela”, podem ser tomados de forma literal, e a criança pode pedir para “viajar junto”, “ir para o céu também”, ou, ao perceber que não se volta desta viagem e não se acorda deste sono, não querer que seus pais possam dormir ou viajar. Para que o processo de luto ocorra de forma não tanto traumática, a criança precisa de informações claras e honestas, pois mesmo que não se fale da morte, a criança percebe seus indícios, e, assim, defronta-se com mensagens conflitantes: uma garantindo que está tudo bem, e outra, silenciosa, que sugere que algo muito dramático está acontecendo. O silêncio dos adultos “fala” para a criança da impossibilidade de expressar a angústia e a dor, concluem Fronza e colaboradores (2015):

⁵Eufemismo é uma figura de linguagem que emprega termos mais agradáveis para suavizar uma expressão. Expressões populares têm um caráter cômico, o que pode atender em parte a do eufemismo. Situações de grande impacto, como a morte, beira o grotesco e a função dessa figura de linguagem se perde. Exemplo: O termo diacho é usado para suavizar o termo diabo.

A morte para criança representa não apenas um desafio cognitivo, mas também afetivo e emocional, por esta razão a autora ressalta a necessidade de se analisar as reações emocionais da criança ante a morte. A respeito do processo de luto, assim como no adulto, as crianças diferem em suas reações emocionais ligadas a morte. Contudo, é possível estabelecer padrões corriqueiros de comportamentos e uma progressão de sentimentos em etapas podendo acarretar tanto o luto sadio quanto o patológico, o que irá diferenciá-los não será propriamente os sintomas, mas sim a intensidade. Portanto, o critério não é como a criança reage, mas sim a intensidade das reações de luto (SOUZA; OLIVEIRA, 2018 p.159).

Segundo Kovács (2012) os educadores podem e devem ajudar a criança na compreensão da morte, assim como também auxiliar a família a lidar de forma clara e verdadeira com o luto. Para a autora, os educadores precisam imediatamente no convívio escolar entrar em contato com a visão de morte que as crianças trazem para a escola. Analisar cuidadosamente os seus processos de luto, já que os professores exercem influência significativa em seus alunos; devem estar atentos às suas palavras e ações. Deixar manifestar as emoções junto aos colegas; e haver espaço para emoções e sentimentos, favorece a comunicação. Educadores podem perceber sinais de luto complicados, e, assim, ajudar no encaminhamento de seus alunos. As mudanças de comportamento, número de faltas, quedas de rendimento e comportamentos autodestrutivos são geralmente indícios importantes de problemas que precisam ser resolvidos. Entre as dificuldades mais apontadas para lidar com a morte, segundo a autora, educadores referiram-se a: resistência, falta de preparo, necessidade de reforma curricular para evitar uma possível sobrecarga de trabalho, estabelecer parcerias com o meio acadêmico e limites pessoais.

Kovács (2012) afirma também que muitos professores se sentem desconfortáveis ou constrangidos quando precisam abordar o tema com seus alunos e que a responsabilidade dessa tarefa deve ser atribuída a profissionais especializados. Muitos professores justificam que o currículo já está montado e não há possibilidade de se abrir espaço para além do previsto, ou seja, uma forma de evitar o assunto em diversas ocasiões. É nesse momento que o professor deve estudar e refazer seu planejamento para conversar sobre o tema. Para a autora, ainda, menos de um terço dos professores se sentem preparados para lidar com o

tema da morte com seus alunos, embora a maioria considere que é importante que a criança tenha espaço para lidar com o tema:

[...] estudo transversal sobre ensino e atitudes envolvendo pais e professores de crianças de 5 a 12 anos, com 119 pais e 142 professores na Irlanda. Observaram o desconforto dos adultos ao lidarem com o tema da morte com as crianças. Professores pensavam que esclarecer e acolher crianças que vivem situações de perda e morte era problema dos pais e que, se interferissem, poderiam provocar conflitos (KOVÁCS, 2012 p.75).

Sengik e Ramos (2013) entendem que criança não compreende ou assimila os problemas da vida como os adultos. Ela tende a pensar que a pessoa que morreu poderá voltar a viver a qualquer momento. Um sentimento desesperador de esperança a invade e se externiza. A criança pode fazer uso de fantasias e de imaginações sem precedentes, apresentando um entendimento irreal e fictício acerca da morte. É o estágio pré-operatório, em que, além de a fantasia se misturar com a realidade, a criança vive um período de egocentrismo no qual considera que muitos fatos ou situações ocorrem por causa dela própria, por meio de um raciocínio pré-lógico ou transdutivo. Deixar a criança nesse período etário elaborar por conta própria o luto, pode implicar em conclusões traumáticas para a vida futura dela.

Desse modo, o estudo de Sengik e Ramos (2012) relata que o silêncio da criança nos momentos de luto não responde frente à situação vivida, implica sim a necessidade da palavra do outro (do educador principalmente) para auxiliá-la no entendimento do vivido. Nesse caso, a língua concretiza a necessidade humana de expressar-se, de exteriorizar-se contribuindo para que os falantes construam o entendimento de si e do seu entorno. Porém, a expressão tende a estar associada a alguma pista acerca do ocorrido, seja através do lúdico, seja pela linguagem verbal. E, de fato, as crianças ainda em tenra idade falam sobre suas perdas, desde que o outro – que pode ser o adulto - oportunize uma escuta qualificada:

Pelas palavras, os diálogos se materializam e estão sempre carregados pela intencionalidade do enunciador, que escolhe palavras específicas às situações de interação.

É no diálogo, por sua simplicidade e clareza, que se efetiva a comunicação verbal. E, nesse caso, por mais que se tenha muito cuidado às circunstâncias que permeiam o discurso, além de uma técnica, a palavra

que deve ser usada é morte com todo o significado que ela carrega (SENGIK; RAMOS, 2012, p.383).

Para Souza e Oliveira (2018) a compreensão do conceito “morte” é sem dúvida um dos princípios organizadores mais importantes da vida, impactando na estruturação da personalidade da criança e no seu desenvolvimento cognitivo/afetivo, tornando-se por isso um fenômeno importante a ser conhecido cientificamente. Os autores evidenciam que as discussões sobre esta temática comportam duas perspectivas antagônicas: a primeira compreende que nos primeiros anos do seu desenvolvimento a criança nada percebe sobre a morte; a segunda, de forma oposta, é a tese de que crianças descobrem a morte de forma precoce (antes dos dois anos) e por experienciarem ao longo de suas vidas situações ligadas à morte, ao luto e as diversas perdas inerentes à condição humana. Dessa maneira, o assunto deve permear a formação humana, pois faz parte de seu processo de aprendizado:

O conceito de morte é complexo é multiaxial⁶, como uma forma de investigar de forma mais clara o que a criança, em cada fase do seu desenvolvimento, pode compreender sobre ele o conceito foi segmentado em três grandes dimensões, a saber: irreversibilidade (é a compreensão de que o corpo físico não pode mais viver após a morte, a morte como um fato que não se desfaz), não funcionalidade (é a compreensão de que todas as funções que caracterizam a vida cessam com a morte), universalidade (é a compreensão de que tudo que é vivo morre, a morte como evento intrínseco à própria vida) (SOUZA; OLIVEIRA, 2018 p.158).

Portanto, a morte e o luto, além de serem assuntos ligados entre si, fazem parte da formação humana. Por esse motivo, não devem se abster dos diálogos em sala de aula e muito menos dos assuntos formativos dos educadores, uma vez que todos passaram por essa situação ao menos uma vez na vida. Para as crianças, se o suporte não for familiar nos momentos de perda, o educador pode aproximar a família da criança e juntos tratarem do tema com propriedade e cuidado.

⁶ Multiaxial: *adjetivo de dois gêneros* 1. dotado de vários eixos.

ABORDAR A MORTE: UM DESAFIO EM SALA

A sala de aula é um local desafiante para o professor todos os dias. São situações únicas que fazem da educação uma aventura para o professor comprometido a superar as dificuldades pessoais e dos seus alunos. Para o pedagogo, a criança é um desafio constante. Afinal, é o principal objeto de seu trabalho e o mais complexo de ser entendido.

Fronza e colaboradores (2015) afirmam que a finitude do ser é algo que de certo modo constrange a todos. E falar sobre o tema morte ou luto acaba por trazer à tona sentimentos afetivos negativos em alguns profissionais. Para os autores, todos os humanos possuem em si certos medos e receios acerca do fim da vida. Geram temores em si, pelas suas experiências relatadas e ouvidas de terceiros.

A identificação com as dores dos familiares dos alunos, que em alguns casos possuem proximidade com a vida particular do profissional, podem interferir no modo de lidar com a situação. Veja abaixo o relato de duas professoras:

“Quando tu vêes aquele sofrimento daquele pai e daquela mãe, qualquer ser humano sempre se coloca no lugar do outro, não é, eu me coloquei no lugar daquela mãe, daquele pai e daqueles irmãos. E, com certeza, lá chorei, mas lá também tive de mãos dadas com eles (...). E, pra quem viveu isso na família, que eu perdi, meu pai, também”. (professora E)

Além da professora E, a professora A também compartilhou durante a entrevista as experiências pessoais com morte de um familiar próximo. Ambas mostraram-se emocionadas nesse momento do relato.

“No ano passado, perder minha mãe foi um momento muito difícil pra mim, eu tive que aprender, reelaborar, pra mim, aquele luto, a experiência daquele momento, pra mim poder me reerguer”, (professora A)

A compreensão dos próprios sentimentos pode refletir-se no modo pelo qual o professor se depara com o tema da morte em sala de aula (FRONZA e colaboradores, 2016, p.65-66).

Kovács (2012) ressalta a importância da realização de palestras para adolescentes sobre o tema morte, bem como a formação de educadores nesse sentido. No entanto, considera que em nosso país tais preocupações são embrionárias. A autora apresenta também propostas como o oferecimento de cursos sobre o tema da morte com os seguintes tópicos: morte e desenvolvimento humano

com foco em crianças e adolescentes; perdas e processos de luto; comportamentos autodestrutivos e suicídio; morte escancarada: violência, acidentes; adoecimento e reintegração na escola; educação para a morte e o educador. Entre outros assuntos ligados à capacitação principalmente do profissional:

[...] treinamento em serviço para educadores com os seguintes módulos: comunicação em situações de perda e morte, com crianças e adolescentes; integração de crianças ou jovens doentes, egressos de internação hospitalar com sequelas; ações direcionadas a crianças e jovens com comportamentos autodestrutivos, ideação ou tentativas de suicídio. O foco é na relação professor aluno e trabalho com a classe. Em adição é interessante disponibilizar um banco de dados com bibliografia sobre vários aspectos relacionados à morte, incluindo literatura e filmes para crianças e jovens. O projeto Falando de Morte, já mencionado neste artigo, pode ser instrumento facilitador para discussão em classe sobre tópicos relacionados à morte, a partir das cenas e texto do filme (KOVÁCS, 2012, p.76).

A formação adequada, os debates entre profissionais, a ajuda psicológica e principalmente a superação do medo são necessários para que o tema morte e luto proporcione mais compreensão da finitude humana e conseqüentemente maior valorização da vida.

Souza e Oliveira (2018), psicólogos na área educacional, acreditam que as dificuldades e os limites existentes podem incentivar o diálogo sobre a morte com a criança, o que leva os mesmos a acreditarem igualmente que um dos benefícios é evitar que os medos e culpas mágicas e fantasiosas intensifiquem-se gerando sofrimento e desajustamento nas crianças.

Dialogar com a criança é algo necessário e indispensável, principalmente quando o objetivo é respeitar seu nível de desenvolvimento cognitivo e emocional. Já o adulto, implicará e precisará se posicionar de forma muito flexível, prudente e protetora. Nesse dialogo, como afirmam Souza e Oliveira (2018), a negativa da criança acerca dos aspectos da morte, pode ser vista de forma positiva, pois a negação é uma etapa extremamente necessária entre a recusa e a aceitação. O educador deve perceber essa realidade para tratá-la em sala de aula. Afinal o que mais dispõe de mecanismos de busca por metodologias e quem pode pedir ajuda

em instâncias superiores e especializadas é o educador. A multiplicação do tema e suas devidas abordagens virão com o tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica claro que muitos educadores não possuem ou se sentem incapazes de abordar assuntos relacionados a morte e luto em sala de aula. O assunto se torna tão delicado que as dúvidas pairam sobre a responsabilidade daqueles que verdadeiramente se comprometem com a formação humana. Porém, o diálogo sempre será o início de uma boa conversa e de esclarecimentos necessários aos problemas da vida quando estes batem à porta. A morte sempre está a espreita e não escolhe idade para se manifestar.

A morte pode ser um tema integrado nas aulas e na vida do educando. Devendo aparecer com aprofundamento, preparo e cuidado. Lembrando que este assunto faz parte do processo de formação do próprio ser humano. Não se pode negar o direito do luto à uma criança ou adolescente. Embora, cursos e propostas sejam ainda embrionários na área educativa, há sempre a pesquisa como fonte de conhecimento e prática. A busca por profissionais, especialistas, palestras, materiais como livros, artigos, teses e etc. são fundamentais para se preparar para este momento tétrico da vida.

O presente artigo destacou que não se pode omitir, desviar, mudar ou alterar a verdade sobre o que é a vida. Tratar do tema morte em sala de aula e ajudar o aluno a guardar seu devido luto e sem fantasiar a perda é algo também de responsabilidade do educador. Isso porque a formação do ser humano tange às questões de vida e morte diretamente.

Muitas famílias se negam a falar do assunto e provocam interpretações carregadas de problemas emocionais que poderiam ter sido solucionadas pela transparência e sinceridade ao tratar do tema.

Encaminhar, auxiliar e proporcionar um ambiente confiável e acolhedor é de suma importância para aquele que passou por perdas para que possa se abrir e

tentar compreender ações naturais da vida humana. O educador pode conquistar este espaço e apresentá-lo ao seu aluno, seja criança ou adolescente.

A superação do medo na explanação do assunto interfere na manutenção de tradições e traumas pessoais e ou coletivos, contribuindo para novas experiências e crescimento para ambos os lados.

Finalizando este artigo, embora as discussões apenas tenham iniciado, falar da morte de modo natural talvez seja o primeiro passo para compreender a nossa existência e convivência neste mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRONZA, Leila P. et al. O tema da morte na escola: possibilidade de reflexão. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.43, p.<48-71>, jan./jun. 2015.

SENGIK, Aline Sberse; RAMOS, Flávia Brocchetto: Concepção de morte na infância. **Psicologia & Sociedade**, 2013, 25(2), 379-387.

KOVÁCS, Maria Júlia. Educação para a Morte. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 2005, 25 (3), 484-497.

KOVÁCS, Maria Júlia. Educadores e a morte. **Psicologia Escolar e Educacional**, vol. 16, núm. 1, enero-junio, 2012, pp. 71-81. Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, Paraná, Brasil.

RODRIGUEZ, Cláudia Fernanda; KOVÁCS, Maria Júlia. Falando de morte com o adolescente. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. UERJ, RJ, Ano 5, N.1, 1º semestre de 2005.

SOUZA, Alex da Silva; OLIVEIRA, Jena Hanay Araújo de. A criança diante da morte: desafios. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 9, n. 1, p. 157-160, abr. 2018.